

Determinantes do efeito Rally-Round-the Flag: os casos de Trump, Orbán e Bolsonaro em meio à pandemia da Covid-19¹

Rodolfo Silva Marques²

André Silva de Oliveira³

Recebido em: 06/01/2024

Aprovado em: 20/02/2024

Resumo: O advento da pandemia do vírus da Covid-19 provocou um problema tormentoso para as democracias ao redor do planeta. Alguns governantes, escorando-se no Efeito Rally-round-the-Flag, aproveitaram o momento de excepcionalidade para incrementar os próprios poderes executivos tornando-os ainda mais exorbitantes, ao passo que outros assumiram uma postura negacionista em relação à ameaça global representada pelo vírus perdendo a oportunidade de se apresentarem como protetores da população e, assim, forjar algum tipo de unidade nacional. O objetivo do artigo consiste em analisar como três lideranças políticas relevantes e de recorte autoritário adotaram estratégias distintas de enfrentamento da pandemia, abraçando ou desprezando o Efeito Rally-round-the-Flag, bem como as consequências políticas de tais decisões. Nossa hipótese é a de que as lideranças escrutinadas no trabalho que desprezaram a estratégia Rally-round-the-Flag Effect foram mal sucedidas no combate à pandemia pagando um alto preço político por isto, o que não aconteceu com quem a adotou. Nesse sentido serão examinados criticamente os casos dos governos Donald Trump, Jair Bolsonaro e Viktor Orbán em face do tema proposto. O método empregado consiste em confrontar os três modelos de

¹ Os argumentos do presente artigo foram originalmente apresentados pelos autores no ST42 (“Democracias em declínio: desafios políticos, teóricos e analíticos”) do 46º Encontro Anual da ANPOCS, em 2022. Na ocasião, o artigo teve como título “Democracias iliberais, Covid-19 e o incremento do autoritarismo na pandemia”. Para a presente publicação, segue uma versão revisada e atualizada pelos autores.

² Professor da Universidade da Amazônia (UNAMA), Brasil, e da Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA), Brasil. E-mail: rodolfo.smarques@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5855-0393>

³ Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil, e ocupante do cargo de consultor jurídico vinculado à Procuradoria Geral do Estado (PGE) do Governo do Pará, Brasil. E-mail: portocalle62@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8918-2845>

governança no combate à pandemia com a literatura em ciência política, sobretudo a que trata do Efeito Rally-round-the-Flag e das chamadas democracias iliberais considerando o perfil autoritário das mencionadas lideranças. A principal conclusão mostra que a estratégia negociacionista de Trump e Bolsonaro resultou em fracasso pelo elevado número de mortes decorrentes da pandemia e frustrou seus eventuais planos de erosão democrática das instituições, enquanto Orbán, adotando a postura de protetor da população sob o manto do Efeito Rally-round-the-Flag, ampliou ainda mais seus poderes executivos.

Palavras-chave: Pandemia de Covid-19; autoritarismo; rally 'round the flag; democracia iliberal.

Determinantes del efecto Rally-Round-the Flag: los casos de Trump, Orbán Y Bolsonaro en medio de la pandemia Covid-19

Resumen: La llegada de la pandemia del virus Covid-19 ha causado un problema atormentador para las democracias de todo el planeta. Algunos gobiernos, apoyándose en el Efecto Rally-round-the-Flag, aprovecharon el momento de excepcionalidad para aumentar sus propios poderes ejecutivos, haciéndolos aún más exorbitantes, mientras que otros adoptaron una postura negacionista en relación con la amenaza global que representaba la crisis. virus, perdiendo la oportunidad de presentarse como protectores de la población y así forjar algún tipo de unidad nacional. El objetivo del artículo es analizar cómo tres líderes políticos relevantes y autoritarios adoptaron diferentes estrategias para enfrentar la pandemia, abrazando o ignorando el Efecto Rally-round-the-Flag, así como las consecuencias políticas de tales decisiones. Nuestra hipótesis es que los líderes escrutados en el trabajo que ignoraron la estrategia del Efecto Rally-round-the-Flag no lograron combatir la pandemia, pagando por ello un alto precio político, lo que no les sucedió a quienes la adoptaron. En este sentido, a la luz del tema propuesto, se examinarán críticamente los casos de los gobiernos de Donald Trump, Jair Bolsonaro y Viktor Orbán. El método utilizado consiste en comparar los tres modelos de gobernanza en la lucha contra la pandemia con la literatura en ciencia política, especialmente la que trata sobre el Efecto Rally-round-the-Flag y las llamadas democracias iliberales considerando el perfil autoritario de los dirigentes antes mencionados. La principal conclusión muestra que la estrategia negociadora de Trump y Bolsonaro fracasó debido al elevado número de muertes derivadas de la pandemia y frustró sus eventuales planes de erosión democrática de las instituciones, mientras que Orbán, adoptando la postura de protector de la población bajo el manto de el Efecto Rally-round-the-Flag, amplió aún más sus poderes ejecutivos.

Palabras-clave: Pandemia de Covid-19; autoritarismo; rally 'round the flag; democracia illiberal.

Determinants of the Rally-Round-The Flag Effect: the cases of Trump, Orbán and Bolsonaro amid the Covid-19 Pandemic

Abstract: The Covid-19 virus pandemic has caused a tormenting problem for democracies around the planet. Some governments, relying on the Rally-round-the-Flag Effect, took advantage of the moment of exceptionality to increase their own executive powers, making them even more exorbitant, while others took a denialist stance in relation to the global threat posed by the virus. missing the opportunity to present themselves as protectors of the population and thus forge some kind of national unity. The objective of the article is to analyze how three relevant and authoritarian political leaders adopted different strategies to confront the pandemic, embracing or disregarding the Rally-round-the-Flag Effect, as well as the political consequences of such decisions. Our hypothesis is that the leaders scrutinized at work who

ignored the Rally-round-the-Flag Effect strategy were unsuccessful in combating the pandemic, paying a high political price for this, which did not happen to those who adopted it. In this sense, the cases of the Donald Trump, Jair Bolsonaro and Viktor Orbán governments will be critically examined in light of the proposed theme. The method used consists of comparing the three models of governance in the fight against the pandemic with the literature in political science, especially that which deals with the Rally-round-the-Flag Effect and the so-called illiberal democracies considering the authoritarian profile of the aforementioned leaders. The main conclusion shows that Trump and Bolsonaro's negotiating strategy resulted in failure due to the high number of deaths resulting from the pandemic and frustrated their eventual plans for democratic erosion of institutions, while Orbán, that adopted the posture of protector of the population under the mantle of the Rally Effect-round-the-Flag, further expanded its executive powers.

Keywords: Covid-19 pandemic; authoritarianism; rally 'round the flag; illiberal democracy.

Introdução

O advento da pandemia do vírus da Covid-19 em março de 2020 provocou um problema tormentoso e complexo para os governos ao redor do planeta. À evidente dificuldade de se combater um vírus para o qual não havia então vacina juntou-se a necessidade de decretar o isolamento social de grandes contingentes populacionais como medida preventiva para conter a expansão da pandemia repercutindo, assim, negativamente no plano econômico-social. O presente artigo tem por escopo escrutinar as razões pelas quais líderes de perfil autoritário, como Donald Trump e Jair Bolsonaro, fracassaram em expandir seus poderes executivos durante a crise pandêmica e outros como Viktor Orbán, não, considerando os efeitos dramáticos produzidos pelo vírus da Covid-19 e a adoção de estratégias calcadas, ou não, no Efeito *Rally-round-the-Flag*.

Orbán aproveitou, por exemplo, o momento de excepcionalidade provocado pela pandemia para expandir com êxito seus poderes já agigantados como se verás adiante. Sem embargo, Orbán aprovou uma legislação que punia com rigor quem criticasse o governo durante a pandemia, sendo a imprensa e a oposição os alvos de tal iniciativa.

No caso dos Estados Unidos, o republicano Donald Trump, presidente do país entre janeiro de 2017 e janeiro de 2021, adotou, ainda em 2020, uma postura negacionista minimizando ou desprezando os efeitos deletérios da pandemia. Essa postura resultou na divisão do país entre *vaciners* e *antivaciners* – ou *vax* e *antivax* – com os primeiros identificados com o eleitorado democrata e os últimos com os

republicanos, bem como na expansão hiperbólica da pandemia com milhares de mortos. GALSTON (2021: 1-2) sustenta, por exemplo, que, para a vacinação da Covid-19, a filiação partidária importa mais do que raça e etnia sendo que, pesquisa realizada entre 13 e 22 de setembro de 2022, indicou que 90% dos democratas tinham sido vacinados, enquanto no mesmo período apenas 58% dos republicanos se encontravam imunizados.

No Brasil, o então presidente Jair Bolsonaro, do Partido Liberal (PL), tentou mimetizar o colega norte-americano e adotou postura semelhante ao negar a gravidade dos efeitos devastadores do vírus da Covid-19, chamando-a, inclusive, como “gripezinha”, em 24 de março de 2020⁴. De modo igualmente semelhante, o Brasil teve milhares de mortes, em larga medida graças ao incentivo oficial contra as ações de prevenção contra a pandemia, além do boicote à maioria dos 27 governadores e dos 5.568 prefeitos. Os custos políticos, sociais e econômicos dessa postura negacionista se revelaram demasiadamente elevados. Assim, Trump perdeu as eleições em novembro de 2020, para o democrata Joe Biden, e Bolsonaro encontra hoje dificuldades em liderar a corrida presidencial, bem como explicar para a opinião pública suas ações no curso da pandemia.

A literatura em ciência política (BAUM: 2002; CUNNINGHAM: 2020; FUKUMOTO e TABUCHI *apud* MUELLER, 2022; HETHERINGTON e NELSON: 2003; KNUDSEN, NORDO e IVERSEN: 2023) pondera que, em situações de excepcionalidade e/ou crises internacionais (como guerras contra um inimigo externo ou pandemias), líderes políticos recorrem a comportamentos classificados como *rally 'round the flag*. Como apontam KNUDSEN, NORDO e IVERSEN (2023) e Efeito ou Fenômeno *Rally-round-the-Flag* pode ser entendido como crises internacionais que tendem a provocar um incremento na aprovação dos cidadãos às instituições políticas. Esse fenômeno ou efeito pode resultar na união da população em torno do governo ou incumbente, ao mesmo tempo em que procura expandir seus poderes podendo, no limite, se tornarem excessivos e/ou autoritários.

Está claro, em 2022, que as respostas governamentais ao advento da pandemia foram distintas ao redor do planeta, mas, no caso húngaro, Orbán aproveitou o

⁴ PORTAL UOL. A íntegra do discurso está disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>. Acesso em: 10 ago.2022.

momento para expandir seus poderes executivos, oportunidade que Trump e Bolsonaro deixaram escapar, fragilizando-os politicamente.

O método empregado consiste em escrutinar os três modelos de governança mencionados no combate à pandemia com a literatura em ciência política, sobretudo a que trata do Efeito *Rally-Round-the-Flag* e das chamadas democracias iliberais considerando o perfil autoritário das mencionadas lideranças.

Nossa conclusão principal é a de que lideranças políticas de nítido recorte autoritário como Donald Trump e Jair Bolsonaro encontraram uma resistência robusta das instituições de controle horizontal e da opinião pública, além de desprezarem surpreendentemente políticas do tipo *Rally-round-the-Flag*, ao passo que Viktor Orbán aproveitou o momento para expandir seus poderes executivos com êxito, tarefa facilitada por conduzir uma democracia iliberal, com o sufocamento e controle das oposições no país.

O conceito do efeito (ou fenômeno) *Rally-round-the-flag*

O advento de um novo vírus em 2020 para o qual não havia então vacina não é certamente equivalente à deflagração de uma grave crise internacional como uma guerra de grande alcance, de modo a justificar a união em torno dos incumbentes que empunham a bandeira nacional, ainda assim, os efeitos que produziu foram avassaladores no campo da saúde pública, da economia, assim por diante. Não havia mobilização de tanques e tropas, mas pode-se dizer que havia um inimigo – de resto, invisível e letal – a ser combatido, capaz de levar alguns incumbentes a adotar a estratégia amparada no Fenômeno *Rally-round-the-flag* como fez, por exemplo, Viktor Orbán na Hungria. Importa, portanto, focar o conceito do referido efeito ou fenômeno.

O cientista político norte-americano John Mueller, ainda na década de 1970, forjou o conceito de “Efeito *Rally-Round-the-Flag*”. Tal premissa, desde então, tem sido incorporada pela ciência política, “remanescendo como um acessório na literatura sobre opinião pública e política externa” (BAUM: 2002, p. 263). Esse efeito ou fenômeno sugere que, “quando a nação está ameaçada, líderes incumbentes se beneficiam do aumento do apoio público” (CUNNINGHAM: 2020, p.1). Mueller (2022) concebeu, assim, três condições para a ocorrência do referido efeito:

“no geral, um ponto *rally* deve ser associado com um evento no qual 1) é internacional e 2) envolve diretamente os Estados Unidos e particularmente o presidente diretamente; e deve ser 3) específico, dramático e agudamente focado” (FUKUMOTO e TABUCHI *apud* MUELLER, 2022, p. 3).

Desde já, deve ser ponderado que, na literatura, os casos mais emblemáticos do aludido efeito são os índices de aprovação do governo W. Bush ao reagir aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas em Nova York, bem como o incremento do apoio aos republicanos no Reino Unido como reação à invasão argentina das ilhas Malvinas/Falklands (CUNNINGHAM: 2020, p. 1-2). De fato, no primeiro caso, o Pentágono mostrou então que os índices de aprovação pública do presidente Bush atingiram a inacreditável “porcentagem de 35% pontos, indo de 51% para 86%, o mais largo Efeito *Rally-round-the-flag* já registrado” (BAUM, 2002, p. 263).

Ao longo do tempo, o conceito foi, por assim dizer, sendo esgarçado à medida que recebia novas contribuições teóricas e/ou era analisado à luz de estudos empiricamente orientados. Baum (2002: p. 263) esclarece que a maioria dos estudiosos entende que os presidentes recorrem ao fenômeno em momentos de crises de política externa, mas há menos concordância quanto “a durabilidade ou significância do efeito *rally*”. Entre os estudiosos, todavia, há outras abordagens que buscam explicar o Efeito “*Rally-round-the-flag*”:

Alguns estudiosos citam o surgimento do patriotismo quando o presidente focaliza a atenção da nação além da cerca d’água como a causa principal do fenômeno *rally*. Outros atribuem o efeito à ausência de um criticismo da elite ou da cobertura da mídia de visões críticas nos estágios iniciais das crises de política externa quando a administração é a fonte primária de informação da mídia. Outros ainda têm encontrado evidência de que a magnitude do efeito *rally* depende do apoio bipartidário para a política externa de um presidente. Para além dos debates sobre as causas do efeito *rally*, estudiosos têm questionado sua significância substantiva pontuando que *rallies* tendem a ser efêmeros. (BAUM, 2002, p. 263).

É óbvio que o advento da pandemia da Covid-19 se trata de evento distinto de um ataque terrorista – hipótese mais corrente para deflagrar o fenômeno aqui abordado – ou de uma crise grave de política externa como sucedeu, por exemplo, no caso dos mísseis russos em Cuba no ano de 1962. Para muitos especialistas, o vírus da Covid-19 não se tratou nem mesmo do advento de um “cisne negro”, ou seja, um

fenômeno completamente imprevisível, já que outras pandemias, mais localizadas, haviam ocorrido antes como, por exemplo, a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) que “ocorreu em 2003 em um surto na China e se propagou por países vizinhos”, além das temíveis H1N1 e Ebola (INSTITUTO BUTANTAN: 2020, p. 1).

Todavia, não pode haver dúvida de que a pandemia da Covid-19 foi igualmente vista globalmente como ameaça à saúde e à economia, de modo a obrigar a comunidade científica e os governos a procurarem uma resposta rápida para debelar a grave crise sanitária. Os sistemas políticos foram simultaneamente abalados e mobilizados para manter a confiança da população em seu adequado funcionamento:

A pandemia do COVID-19 criou desafios únicos para os sistemas políticos e, portanto, ao *status quo* político. Situações de crise repentinas muitas vezes resultam em um aumento no apoio do governo causado por um Efeito '*Rally-round-the-flag*'. (KRITZINGER, SYLVIA *et al*, 2021, p. 1207).

Ora, a pandemia da Covid-19, considerando sua excepcionalidade com claro sentido de urgência, ofereceu igualmente uma oportunidade para que os incumbentes incrementassem a confiança da população na tomada de decisões que tinham por escopo proteger a vida das pessoas assustadas com o vírus. Alguns atores políticos aprimoraram, no curso da pandemia, seu vínculo com a população, sendo talvez o caso mais notório o da então primeira-ministra da Nova Zelândia, Jacinta Ardern, que, usando as mídias sociais à exaustão, informava a opinião pública sobre o andamento do combate à pandemia (MCGUIRE, D., CUNNINGHAM, J.E.A., REYNOLDS, K. and MATTHEWS-SMITH, G.: 2020; VOINA, Andreea e STOICA, Mihnea: 2023). No entanto, outros dirigentes desprezaram a comunicação e, mais surpreendente ainda, o recurso ao Efeito *Rally-round-the-flag*.

No caso dos presidentes Donald Trump e Jair Bolsonaro resta evidente que ambos desperdiçaram as oportunidades proporcionadas pelo advento da Covid-19 para incrementar sua popularidade e, no limite, adquirir poderes executivos exorbitantes – não foi sem motivo que ambos não se reelegeram. Os motivos pelos quais tomaram o caminho inverso será analisado mais adiante nos itens 2 e 3. Uma das hipóteses que pode ser considerada é a de que, para ambos, o isolamento social prolongado afetaria exponencialmente o desempenho da economia – uma avaliação que não é de todo equivocada – e, por extensão, a própria popularidade de modo irremediável.

Outra hipótese, que certamente pode ser posta ao lado da acima mencionada, é o notório desprezo que ambos revelaram pela ciência ou, dito de outro modo, pelo poder dos especialistas.

Não por acaso, os embates entre o presidente Jair Bolsonaro e então Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta (Democratas), que ficou no cargo entre janeiro de 2019 até abril de 2020, bem como entre o presidente Donald Trump e o doutor Fauci se tornaram emblemáticos nesse aspecto⁵. Tais cenários serão aprofundados e discutidos no decorrer desse texto.

Trump lidera o movimento negacionista mundial

Na presente seção será discutida a postura negacionista do presidente Donald Trump em face do advento da pandemia da Covid-19, portanto, deixando de tratar o vírus como uma ameaça a ser combatida sob o manto do Efeito *Rally-round-the-flag*. Seu exemplo foi emulado, em boa medida, pelo então presidente Jair Bolsonaro.

Com a emergência global gerada pela pandemia e com a expansão dos casos – inicialmente na Ásia, seguida pela Europa, África e América –, com a crise se notabilizando nos primeiros meses do ano de 2020, havia uma perspectiva sobre como seriam as ações dos chefes de Estado/chefes de governo diante da pandemia e em relação aos desenhos institucionais.

Para North (1994), no diálogo entre as perspectivas institucionalista e neo-institucionalista, há em qualquer decisão governamental, os “custos de transação” (aspas dos autores). Possíveis mudanças nas regras do jogo ou decisões que não atinjam positivamente as demandas da maior parte da população podem “bagunçar” os processos institucionais e tendem a gerar confusões nos fluxos financeiros e no repasse de benefícios sociais para as populações mais vulneráveis.

Nas democracias, com a partição do poder político e com os papéis das instituições e dos ocupantes de cargos públicos bem definidos, ao chefe do executivo cabe, em geral, coordenar as ações em momentos emergenciais – como uma pandemia, por exemplo.

⁵ Sobre este relevante tema, ver Fareed Zakaria, Dez Lições para o Mundo Pós-Pandemia. *In*: Lição Quatro – As pessoas deveriam ouvir os especialistas – e os especialistas deveriam ouvir as pessoas, p. 81-99.

Em 2016, nos Estados Unidos, Donald Trump se elegeu, vencendo a candidata democrata Hillary Clinton, com um discurso antissistema e antipolítica, apresentando-se como outsider. Como estratégia de comunicação, focou no uso intenso das plataformas digitais (RECUERO, 2009), como o Twitter, usou expedientes como as notícias falsas e a desinformação, fortalecendo a ideia da pós-verdade (D'ANCONA, 2018) e causando grande instabilidade no âmbito coletivo. Trump evocou, algumas vezes, aliás, a expressão “histeria coletiva” em relação à pandemia – algo que foi copiado pelo presidente brasileiro, quase que simultaneamente (FOLHA DE SP: 2021, p. 4-5).

No enfrentamento da pandemia da Covid-19, mantendo suas estratégias de conexão com o seu público e com o seu eleitorado – ele seria candidato à reeleição, em 2020 –, Trump optou por um discurso negacionista, contestando a ciência e buscando certo grau de “normalidade”, embora a conjuntura indicasse outros caminhos. O líder estadunidense também entrou em constantes conflitos com o Parlamento e com parcelas significativas da sociedade de seu país em relação ao enfrentamento da pandemia.

Do ponto de vista político, Trump continuou, no período pandêmico, na prática de ataques às instituições (MOUNK, 2019) e realizou várias tentativas de fragilização da democracia no país. MOUNK (2019), aliás, como defensor da democracia liberal, ressalta que muitos países prioritariamente liberais têm tido alguns percalços – apesar das votações regulares da população, muitas vezes ela não se sente representada nas candidaturas e as casas legislativas são ocupadas, em geral, pelas elites políticas. As políticas públicas nessas democracias guardam complexidade e as decisões no campo econômico, por óbvio, têm grande impacto na vida dos cidadãos (MOUNK, 2019).

O cenário pandêmico, nos Estados Unidos, mostrou a força das instituições democráticas locais, despeito dos constantes assédios de Trump (ZAKARIA, 2021), e foi um dos pontos de fragilidade do então presidente na disputa eleitoral de 2020, vencida por Joe Biden, do Partido Democrata.

O presidente norte-americano não identificou o vírus como uma ameaça real, e não realizou políticas coordenadas para unificar o país no enfrentamento da crise, a despeito dos números vultosos de contaminações e mortes – até o final de seu governo, em 19 de janeiro de 2021, houve 400 mil mortes, a partir do levantamento feito pela

Universidade John Hopkins. Os números representavam, naquele momento, 20% do total de mortes no mundo (2 milhões).

E, em relação à comunicação no ambiente pandêmico, Donald Trump chamou várias vezes o novo coronavírus como o “vírus chinês” e agiu de forma negacionista, espalhando desinformação (SANTOS-D’AMORIM e FERNANDES DE OLIVEIRA MIRANDA, 2021) – como no caso da fala pública sobre o uso da água sanitária e alvejantes no “combate” ao coronavírus.

Assim, ao minimizar a crise pandêmica, mesmo tendo informações dos comitês científicos internos, e negando os possíveis efeitos da emergência sanitária, Donald Trump desmobilizou o seu país, apesar das ações mais assertivas dos líderes das unidades federativas dos Estados Unidos. Os efeitos foram devastadores, tanto em contaminações e mortes quanto nos âmbitos econômico e político. Trump manteve sua postura muito fora do que espera de um gestor de uma das maiores economias do mundo (WOODWARD, 2018).

Dessa forma, Donald Trump, ao deixar de apontar o vírus da Covid-19 como ameaça, perdeu a oportunidade de utilizar a pandemia para adotar uma política do tipo Efeito *Rally-round-the-flag*.

Bolsonaro emula Trump e agrava a pandemia no Brasil

Nesta seção, veremos como o então presidente Jair Bolsonaro emulou, em larga medida, a postura negacionista de Donald Trump desperdiçando, à semelhança do dirigente norte-americano, a oportunidade de se apresentar como defensor (e salvador) da população brasileira com escopo de produzir uma possível união nacional em torno de sua liderança.

O presidente brasileiro Jair Bolsonaro (PL) iniciou seu mandato em janeiro de 2019 e do discurso antissistema; a postura de *outsider* (embora Bolsonaro, diferentemente de Trump, tivesse um longo histórico como parlamentar, na Câmara dos Deputados); e o uso das mídias e das redes sociais como uma comunicação mais direta com o público, deixando os meios de comunicação tradicionais em caráter secundário. Em relação à pandemia, o principal traço comum com o então presidente norte-americano foi o comportamento negacionista, minimizando os efeitos da crise, que se mostraria muito grave posteriormente.

Desde sua vitória nas eleições de 2018⁶ – e até antes, em seus sete mandatos como deputado federal –, Jair Bolsonaro usou como estratégia os constantes conflitos com seus opositores e, por muitas vezes, optou por discursos politicamente incorretos. Na crise pandêmica, assim como em outras questões internas de seu governo (OYAMA, 2020), Bolsonaro centralizou decisões e afastou quem não “rezava pela sua cartilha”.

Dado representativo desse processo foi a instabilidade no comando do ministério da Saúde nos anos de 2020 e 2021. O ministro Luiz Henrique Mandetta deixou o cargo ainda no primeiro mês da crise pandêmica no país, em 17 de abril de 2020, em especial pelas divergências entre Bolsonaro e o então titular da pasta em relação ao uso de máscaras e em relação à rigidez nas normas de distanciamento físico. O médico Nelson Teich, sucessor de Mandetta, permaneceu apenas quatro semanas no cargo e o deixou também por divergências com o presidente da República.

O general Eduardo Pazuello, sem quaisquer experiências efetivas nesse tipo de crise, foi ministro entre maio de 2020 e março de 2021, e teve sua gestão marcada pela falta de uma estratégia clara e pelos atrasos em relação à compra de vacinas (MARQUES, 2022). Por fim, em março de 2021, Marcelo Queiroga assumiu o cargo e manteve alinhamento com a forma de agir e pensar do presidente, muitas vezes minimizando a crise e gerando problemas correlatos na aquisição de imunizantes⁷.

Infere-se que toda a postura do governo Bolsonaro diante da crise esteve ligada a uma postura negacionista e de boicote ao enfrentamento da pandemia. Em uma das passagens no ambiente pandêmico, em abril de 2020, sobre o número já crescente de mortes pela Covid-19 no país, Bolsonaro terceirizou responsabilidades, novamente, e disse que não era “coveiro”⁸.

Houve também o embate de Bolsonaro com boa parte dos estados e municípios brasileiros, nas definições referentes às restrições de circulação e aos normativos de distanciamento físico (MARQUES, 2022). Ao manter o discurso anticiência, Bolsonaro também defendeu a ideia de que a economia não deveria parar, ao reforçar um suposto

⁶ PORTAL G1. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>. Acesso em: 10 ago.2022.

⁷ PORTAL G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/23/bolsonaro-da-posse-a-marcelo-queiroga-como-ministro-da-saude.ghtml>. Acesso em: 10 ago.2022.

⁸ PORTAL G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 20 ago.2022.

trade-off entre salvar vidas e a atividade econômica. Houve até uma breve campanha de propaganda intitulada “O Brasil não pode parar” (SILVA MARQUES e SILVA DOS SANTOS, 2021).

Em abril de 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF) manteve a determinação de garantir autonomia aos prefeitos e aos governadores em determinar mecanismos próprios para o enfrentamento ao coronavírus – confirmando a prevalência do chamado pacto federativo no país e a prevalência das decisões técnicas das autoridades sanitárias locais. A maioria da Corte entendeu que estados e municípios poderiam – e deveram – regulamentar as medidas de distanciamento físico e de isolamento social, além de ações de fechamento temporário do comércio e de outras restrições, para evitar uma maior circulação do vírus. O STF entendeu também que o governo federal somente teria poder para definir questões sobre atividades e serviços com alcance nacional⁹.

Para o presidente Jair Bolsonaro – e esse foi mais um ponto de conflito no cenário pandêmico –, caberia ao governo federal a determinação sobre quais serviços deveriam ser mantidos – ou não. O tema chegou ao Supremo após uma consulta feita pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), que questionou a validade da Medida Provisória 926/2020, editada pela presidência da República, através da Ação de Direta de Inconstitucionalidade 6.341. A MP definia a restrição da liberdade de governadores e prefeitos em decisões sobre a pandemia¹⁰.

Em termos de comunicação midiática, a gestão da crise também evidenciou conflitos entre a gestão federal e alguns dos principais veículos de informação do país. Em junho de 2020, em uma atitude de reação à decisão do governo federal, através do ministério da Saúde, em restringir o acesso a dados sobre a pandemia de Covid-19, os veículos G1, O Globo, Extra, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e UOL optaram pela organização de uma parceria, com um trabalho colaborativo de coletar as informações necessárias nos 26 estados e no Distrito Federal, divulgando-as conjuntamente, sempre a partir das 20h. Os jornalistas dividiram tarefas para poder informar os números de

⁹ PORTAL DO SENADO FEDERAL. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/04/16/decisao-do-stf-sobre-isolamento-de-estados-e-municipios-repercute-no-senado>. Acesso em: 20 ago.2022.

¹⁰ Idem

contaminações e mortes, diariamente, nas realidades de cada uma das unidades federativas brasileiras¹¹.

Em paralelo a esse cenário, Bolsonaro também optou em questionar, constantemente, a validade das pesquisas científicas sobre distanciamento social e mesmo sobre a compra das vacinas, chegando a defender o uso de medicamentos comprovadamente ineficazes, no tratamento da doença, como a cloroquina e a hidroxicloroquina (MARQUES, 2022).

Em 11 de agosto de 2022 – marco cronológico aqui adotado –, o Brasil atingiu o total de 681 mil mortes pela Covid-19, em pouco menos de dois anos e meio de pandemia¹². Os números superlativos corroboram para fracasso da política de enfrentamento da pandemia – o cenário só foi amenizado pela chegada das vacinas ao país, em janeiro de 2021, a partir da mobilização de governadores, prefeitos e da sociedade civil.

Um dos dados que corroboraram a visão de que Bolsonaro fracassou no enfrentamento da pandemia foi um levantamento realizado pelo Centro SoU_Ciência¹³, em parceria com Maurício Moura (*George Washington University*) e Instituto Idea Big Data, em agosto de 2021. Foram realizadas 1.248 entrevistas, com mulheres e homens de 16 anos ou mais, residentes em todas as regiões do Brasil. A pesquisa apresentou grau de confiança igual a 95%. Em uma das questões, 8,8% consideraram os pronunciamentos de Bolsonaro como "informação confiável sobre a pandemia, prevenção, tratamento e vacinas. Tal resultado foi reflexo dos discursos e das ações de Jair Bolsonaro durante o período pandêmico, com a geração de aglomerações, o desrespeito à ciência e ao uso das máscaras e à indicação de medicamentos ineficazes para o enfrentamento do novo coronavírus.

¹¹ PORTAL G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 20 ago.2022.

¹² PORTAL FOLHA. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/08/brasil-chega-a-681-mil-mortes-por-covid.shtml. Acesso em: 20 ago.2022.

¹³ PORTAL SoU CIÊNCIA/UNIFESP (2021). Disponível em <https://souciencia.unifesp.br/destaques/sociedade-fala/apenas-9-da-populacao-confia-nas-falas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia>. Acesso em 20 out.2022.

Do mesmo modo que Trump, Bolsonaro desprezou a adoção de uma orientação governamental com base no Efeito *Rally-round-the-flag*, de modo a incrementar seus poderes executivos.

A expansão dos poderes executivos na pandemia: o caso Húngaro

Diferentemente de Trump e Bolsonaro, Orbán, governante autocrático da Hungria, inicialmente assumiu uma postura negacionista mudando, em seguida, para adotar uma estratégia calcada no Efeito *Rally-round-the-flag*, aproveitando para ampliar seus poderes executivos como se verá neste tópico.

Inicialmente, cumpre conceituar minimamente o que vem a ser o que hoje se denomina de democracias iliberais havendo variadas classificações na literatura em ciência política. De acordo com CORRALES (2015, p. 37), democracias iliberais reúnem simultaneamente características autoritárias e democráticas e/ou pertencem “a uma categoria transitória, uma vez que não são regimes autoritários nem democráticos” ocupando uma área intermediária em cujos extremos estão, de um lado, as democracias liberais e, de outro, os regimes totalitários” (BOZÓKI e HEGEDUS, 2017, p. 101).

Traço comum a esse tipo de regime reside na recusa dos seus dirigentes em se submeter aos controles instituídos pela democracia liberal e que são exercidos pelas instituições de controle horizontal (Judiciário, Ministério Público, tribunais de contas, polícias, Defensoria etc.), bem como pela imprensa livre e pela oposição leal, a que joga conforme as regras do jogo (CORRALES: 2015; BOZÓKI e HEGEDUS: 2017; LEVITSKY e ZIBLATT: 2018).

No livro *Como as Democracias Morrem* (2018), LEVITSKY e ZIBLATT traçam o roteiro mais comum seguido por autocratas no poder para realizar autogolpes. Comparam a erosão gradual das instituições políticas com uma partida de futebol. Assim, o autocrata captura o árbitro da partida (as instituições de controle, sobretudo o Judiciário); em seguida, inverte o mando de campo, ou seja, introduz uma legislação eleitoral em desfavor dos desafiantes; e, por fim, se as medidas anteriores não foram suficientes, interdita os principais jogadores do time adversário, vale dizer, da oposição leal e até da imprensa independente (LEVITSKY e ZIBLATT, 2018, p. 81-84).

Há hoje farta literatura apontando a emergências de regimes híbridos ao redor do planeta, dentre os quais se incluem, por exemplo, Rússia (HALE, 2010; UMLAND,

2012), Hungria (BOZÓKI e HEGEDÚS, 2017), Nicarágua (PUIG: 2013) e, entre nós latino-americanos, o caso mais emblemático que é, sem dúvida, a Venezuela bolivariana (CORRALES: 2015).

O caso húngaro reverbera o modelo concebido por LEVIYSKY e ZIBLATT (2018): vale dizer que o primeiro-ministro Viktor Orbán capturou as instituições de controle horizontal retirando-lhes toda a autonomia, usou o aparato estatal para perseguir a imprensa livre recorrendo a amigos para adquirir as empresas de comunicação contestadoras e, o que chega a ser espantoso, banuiu do país a Universidade Centro-Europeia (CEU) pertencente ao bilionário George Soros, húngaro de nascimento, acusando-o de ser globalista e fomentador de golpes de Estado ao redor do planeta. Jactando-se de construir um “Estado iliberal” na Hungria, Orbán proibiu estudos acadêmicos sobre questões de gênero e se tornou um dos mais notórios líderes mundiais anti-imigração. Do mesmo modo como foi predito por LEVITSKY e ZIBLATT (2018), Orbán conseguiu a aprovação de uma legislação eleitoral que beneficia o Fidesz, partido governista, em detrimento dos partidos oposição.

Inicialmente, Orbán negou a gravidade da crise sanitária decorrente do vírus da Covid-19 dizendo que se tratava de um vírus trazido por imigrantes e não pelos húngaros para o país. Depois, como aumentasse o número de infectados entre os nacionais, o regime de Orbán foi obrigado rapidamente a abandonar a sua postura negacionista. Ressalte-se que, na primeira onda da pandemia em março de 2020, vários líderes no Ocidente tentaram minimizar a gravidade dos efeitos da pandemia, sendo emblemático o caso do primeiro-ministro britânico Boris Johnson que passou de uma atitude claramente negacionista para o campo contrário depois que contraiu a doença e foi obrigado a se hospitalizar (G1: 2020, p. 1).

O fato é que, segundo BORBÁTH (2020, p. 2), “Viktor Orbán reconheceu o perigo do Covid-19 relativamente cedo”, daí resultando uma desaceleração na propagação do vírus em relação a outros países do Leste Europeu como também “contribuiu para uma atmosfera política em que um estado de emergência indefinido parecia ser consistente com as medidas anteriores tomadas para combater o vírus”.

Ainda em março de 2020, o parlamento húngaro aprovou uma lei habilitante que autorizou ao governo liderado pelo Fidesz editar leis por decreto e com prazo indefinido de vigência, uma medida típica de regimes autoritários que concentra poderes

exorbitantes no ramo executivo e, por extensão, fere frontalmente a ideia decorrente do sistema de freios e contrapesos, tão cara à democracia liberal (BOTTONI: 2020, p. 1).

Além disso, a nova legislação autorizava ainda “a persecução penal de divulgação de informações (consideradas) falsas ou enganosas sobre o combate à pandemia em curso”, assim como permitiu “cortar severamente o orçamento de partidos políticos e municípios, muitos dos quais – incluindo Budapeste – são governados por partidos da oposição” (BORBÁTH: 2020, p. 1-2). As penas para quem divulgasse supostamente informações falsas ou declarações que distorcessem os fatos verdadeiros iam de 1 a 5 anos, uma estratégia que converteu “a pandemia em uma arma política contra a oposição e contra os meios de comunicação que criticaram a gestão precoce da crise do Covid-19” (BOTTONI: 2020, p. 3).

Desde cedo, Orbán vinculou o advento do temível vírus da Covid-19 à imigração e se posicionou claramente como defensor da nação diante de uma dupla ameaça em uma ação caracterizadora do Efeito *Rally-round-the-flag*:

Em sua primeira entrevista de rádio na eclosão da crise em 13 de março, Viktor Orbán justificou suas medidas de combate à crise com referência a uma “guerra em duas frentes”, onde, ao lado da migração, a Hungria precisa combater o vírus. Ele argumentou que há necessidade de fechar as universidades porque a “pandemia foi trazida por estrangeiros”, e nas universidades, o governo “não pode separar as dezenas de milhares de estudantes estrangeiros dos húngaros”. Apesar do pequeno número de habitantes de origem migratória que vivem na Hungria, manter a imigração como uma questão saliente é um elemento crucial do sucesso eleitoral de Viktor Orbán e do partido Fidesz. (BORBÁTH: 2020, p. 2).

Portanto, resta muito claro o fato de que Viktor Orbán recorreu à estratégia buscando provocar Efeito *Rally-round-the-flag* para, de forma simultânea, adquirir mais poderes executivos exorbitantes para tentar forjar uma unidade nacional em torno do regime, bem como incrementar a persecução penal contra seus oponentes políticos seja no interior do sistema de partidos, seja no que remanesce de imprensa livre na Hungria.

A intensificação do autoritarismo do regime de Orbán se afigurou como mais facilitada em razão de já se constituir em uma democracia iliberal. Tal situação não favoreceu as tentativas dos presidentes Donald Trump e Jair Bolsonaro seja porque encontraram forte resistência das instituições de controle e opinião pública em um contexto de institucionalidade democrática, seja porque desprezaram a estratégia calcada no Efeito *Rally-round-the-flag*.

Nas democracias, com a partição do poder político e com os papéis das instituições e dos ocupantes de cargos públicos bem definidos, ao chefe do executivo cabe, em geral, coordenar as ações em momentos emergenciais – como uma pandemia, por exemplo.

Conclusões

A pandemia da Covid-19 trouxe impactos severos em todo o planeta, sobretudo porque os países se encontram conectados em uma economia globalizada. com grande interdependência para o abastecimento de suprimentos, insumos etc. Os efeitos ecoaram nos campos laboral, econômico e político. Nesse último caso, a situação de excepcionalidade foi ressaltada por algumas lideranças autoritárias para, usando o apelo a políticas do tipo Rally-round-the-flag, expandir seus poderes executivos já agigantados no caso das chamadas democracias iliberais.

No presente trabalho, foi possível perceber de que forma se forjou o conceito de Efeito *Rally-round-the flag* a partir da elaboração do cientista político estadunidense John Mueller, nos anos 1970, bem como foram agregadas novas contribuições teóricas ou abordagens ao longo tempo ao referido conceito. Embora o fenômeno seja mais bem associado a ataques terroristas e a crises graves de política externa, a literatura em Ciência Política indica que o advento da pandemia decorrente do vírus da Covid-19 foi percebido globalmente como ameaça à saúde pública e à economia. Isto exigiu dos governos respostas eficazes que mantivessem a confiança da opinião pública nas tomadas de decisão dos incumbentes.

A pandemia também proporcionou aos governantes a oportunidade de lançar mão de estratégias calcadas no Efeito *Rally-round-the-flag*. No entanto, como foi ressaltado, as respostas foram distintas havendo quem estabelecesse uma comunicação estreita com a população, como sucedeu na Nova Zelândia, quem incrementasse seus poderes executivos, caso da Hungria do iliberal Viktor Orbán, ou mesmo quem negasse a gravidade da ameaça sanitária e, assim, perdesse uma oportunidade de expandir seus poderes tal como sucedeu com os presidentes Donald Trump e Jair Bolsonaro.

Na Hungria de Orbán, modelo típico de democracia iliberal, houve inicialmente uma atitude governamental de negação da gravidade da pandemia mudando, todavia, aos poucos. No final, como foi aduzido, Orbán aproveitou o momento de

excepcionalidade sanitária para incrementar seus poderes executivos e passou, por exemplo, a governar por decreto, além de assediar com mais vigor os críticos do regime na oposição e na imprensa. Esse incremento do autoritarismo de Orbán foi facilitado pelo fato de que as instituições da democracia liberal já se encontravam erodidas na Hungria.

No caso dos presidentes norte-americano e brasileiro, verificou-se que ambos entenderam que o isolamento social prolongado afetaria gravemente a economia pulverizando, seus índices de popularidade. Eles não souberam fazer bem a “equação” entre salvar vidas e manter uma boa estrutura econômica e a realizar programas sociais.

Além disso, o desprezo com que ambos trataram a opinião dos especialistas e a sorte da população provocou um efeito reverso sinalizando a falta de empatia e compaixão para com o sofrimento das vítimas afetadas pelo vírus. Nesse sentido, chama a atenção que o presidente Jair Bolsonaro não tenha visitado sequer um hospital ou unidade de saúde em Manaus quando eclodiu ali a chamada crise dos respiradores de oxigênio.

Diferentemente de Orbán, que já havia erodido as instituições de controle, Trump e Bolsonaro encontraram firme – e talvez inesperada, para ambos – resistência seja das instituições de controle horizontal, seja da sociedade civil organizada, obrigando-os a mitigar sua notória postura antivacina.

As formas com que as sociedades norte-americana e brasileira reagiram às ações de seus presidentes durante os dois anos mais intensos de pandemia, entre 2020 e 2021, mostram processos de mobilização política e a premissa comum de que os interesses coletivos – e o suporte científico – precisam prevalecer em relação a ações isoladas e/ou desconectadas dos reais problemas. A pandemia de Covid-19 solidificou e ampliou a necessidade, portanto, de uma maior linearidade no tratamento das crises sistêmicas, ainda mais quando se trata de algo gerou muitas incertezas nos primeiros momentos e que exigiu respostas rápidas e assertivas por parte dos governantes.

Como destaca Harari (2020), políticos autoritários e populistas representam um perigo ao atrapalhar o bom fluxo das comunicações, gerar desconfianças sobre a ciência e buscar aumentar o seu poder, fragilizando as instituições. Nos casos brasileiro e norte-americano, Donald Trump e Jair Bolsonaro orientaram seus seguidores a não acreditar no que os cientistas afirmavam sobre o coronavírus ou sobre as vacinas. No caso

húngaro, os poderes do seu líder Órban tornaram-se ainda mais superlativos, suplantando a população.

Dessa forma, reforça-se a ideia de que lideranças políticas com viés autoritário, como Trump e Bolsonaro, acabaram tendo dificuldades de ampliar seus poderes ou em impor suas políticas negacionistas, a partir da reação da opinião públicas e dos poderes constituídos. Por óbvio, o mau enfrentamento da pandemia por ambos e a não utilização do Efeito Rally-round-the-flag foram fatos importantes para ambas as derrocadas e para as derrotas eleitorais, respectivamente em 2020 e 2022, mas não os únicos.

No caso de Trump, por exemplo, em 25 de maio de 2020, pouco menos de seis meses antes do pleito – e no início da crise pandêmica, foi detectado o índice de 53,9% de rejeição a seu governo, de acordo com o site *Real Clear Politics*, que efetivava a média diária de pesquisas de opinião¹⁴.

Em relação a Bolsonaro, cinco meses antes do pleito presidencial de 2022 – e em um cenário já mais controlado em relação à pandemia, foi realizada uma pesquisa Datafolha com 2.556 pessoas, nos dias 22 e 23 de março daquele ano, em 181 municípios brasileiros. À época, o Brasil já possuía a “marca” de 660 mil mortes pela Covid-19. No levantamento, 46% dos entrevistados avaliavam como ruim ou péssimo o desempenho do presidente Jair Bolsonaro – em setembro de 2021, o índice de reprovação era de 54%¹⁵.

E, já no que se refere ao líder húngaro, que também busca desenvolver ações constantes para aumentar seu protagonismo político diante das demais instituições, ele soube usar o momento pandêmico, também, para atender sua vocação autoritária. Em paralelo a isso, é essencial reforçar o fato de que o sufocamento das oposições no país foi um elemento preponderante para a ampliação de poderes, inclusive no enfrentamento da pandemia, com a já citada opção citada pelo Efeito *Rally-round-the-flag*.

¹⁴ PORTAL CORREIO BRAZILIENSE. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/05/26/interna_mundo,858438/popularidade-de-trump-atinge-pior-nivel-desde-17-de-novembro.shtml. Acesso em: 20 out.2023.

¹⁵ PORTAL G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/04/03/reprovacao-bolsonaro-covid-datafolha.ghtml>. Acesso em: 20 out.2023.

Referências

- BAUM, Matthew A. The Constituent Foundations of the Rally-Round-the-Flag Phenomenon, *International Studies Quarterly*, 2002, 46, 263-298.
- BORBÁTH, Endre. How Does the Corona Virus Strengthen Authoritarianism in Hungary? Berlin Social Science Center, 2020, p. 1-2.
- BOTTONI, Stefano. A Crown for the King? How did Viktor Orbán Turn Covid-19 Into a Political Weapon. Institut Montaigne, 2020, p. 1-5.
- BOZÓKI, András; HEGEDÚS, Dániel. Um regime híbrido com limitações externas - A Hungria na União Europeia. *Relações Internacionais*, Lisboa, setembro, 55, p. 99-116, 2017.
- CORRALES, Javier. Autocratic Legalism in Venezuela. *Journal of Democracy*, Baltimore, Volume 26, Number 2, Apr, p. 37-51, 2015.
- CUNNINGHAM, Kevin. The Rally Round Effect and Covid-19. 2020, UK In a changing Europe, p. 1-7. Disponível em: <https://ukandeu.ac.uk/the-rally-round-the-flag-effect-and-covid-19/>. Acesso em: 20 ago.2022.
- D'ANCONA, Matthew. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News. Barueri: Faro, 2018.
- FOLHA DE S. PAULO. Relembra o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembra-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>. Acesso em: 12 jan. 2024, p. 1-12.
- FUKUMOTO, Kentaro e TABUCHI, Takahiro. The Rally 'round the Flag Effect in a Third Party: The Japanese Reaction to the Russian Invasion of Ukraine, 2022, p. 1-27. Disponível em: <https://osf.io/preprints/socarxiv/u8h6y/>. Acesso em: 30 ago.2022.
- GALSTON, William A. For COVID-10 vaccinations, party affiliation matters more than race and ethnicity. Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/for-covid-19-vaccinations-party-affiliation-matters-more-than-race-and-ethnicity/>. Acesso em: 12.01.2024.
- HALE, Henry E. Eurasian Politics as hybrid regimes: The of Putin's Russia. *Journal of Eurasian Studies*, vol. 1, p. 33-41, 2010.
- HARARI, Yuval Noah. Notas sobre a pandemia: e breves lições para o mundo pós-coronavírus. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- HETHERINGTON, Marc e NELSON, Michael. Anatomy of a Rally Effect: George W. Busan and the War on Terrorism. *American Political Science Association*. Vol. 36, Nº 1 (Já. 2003), pp. 37-42.
- INSTITUTO BUTANTAN. Antes da Covid-19: Conheça 3 doenças que também fizeram o mundo tremer neste século. 2020, p. 1-2. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/antes-da-covid-19-conheca-3-doencas-que-tambem-fizeram-o-mundo-tremer-neste-seculo>. Acesso em: 25. ago.2022.
- KNUDSEN, Erik, NORDO, Asta e IVERSEN, Magnus. How Rally-Round-the-Flag Effects Shape Trust in the News Media: Evidence from Panel Waves before and during the COVID-19 Pandemic Crisis. *Political Communication*, 2023, VOL. 40, NO. 2, pp. 201-221.
- KRITZINGER, SYLVIA et al. 'Rally Round the Flag': the COVID-19 crisis and trust in the national government. *West European Politics*, 2021, VOL. 44, NOS. 5-6, 1205-1231.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro, Zahar, 2018.
- SILVA MARQUES, Rodolfo; SILVA DOS SANTOS, Luiz Cezar. O #OBrasilNãoPodeParar e o discurso político na vídeo-propaganda do Governo Federal. *Tríade: Comunicação, Cultura E Mídia*, 9(20), 2021. p. 218–239.

MARQUES, Rodolfo. Sociedade civil, crise política e pandemia no Brasil: proteção social e negacionismo em debate. In Reflexões e inovações nacionais no século XXI em Ciências Humanas e Sociais – Volume 1, Instituto Scientia, 2022.

MCGUIRE, D., CUNNINGHAM, J.E.A., REYNOLDS, K. and MATTHEWS-SMITH, G. Beating the vírus: an examination of the crisis communication approach taken by New Zealand Prime Minister Jacinda Ardern during the COVID-19 pandemic. Human Resource Development International, 23:4, 361-379, DOI: 10.1080/13678868.2020.1779543.

MOUNK, Yascha. O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NORTH, Douglass C. Custos de transação, instituições e desempenho econômico. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1994.

OYAMA, Thaís. Tormenta. O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PORTAL BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52595600>. Acesso em: 10 ago.2022.

PORTAL CORREIO BRAZILIENSE. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/05/26/interna_mundo,858438/popularidade-de-trump-atinge-pior-nivel-desde-17-de-novembro.shtml. Acesso em: 20 out.2023.

PORTAL DO SENADO FEDERAL. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/04/16/decisao-do-stf-sobre-isolamento-de-estados-e-municipios-repercuta-no-senado>. Acesso em: 20 ago.2022.

PORTAL FOLHA. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/08/brasil-chega-a-681-mil-mortes-por-covid.shtml. Acesso em: 20 ago.2022.

PORTAL G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/23/bolsonaro-da-posse-a-marcelo-queiroga-como-ministro-da-saude.ghtml>. Acesso em: 10 ago.2022.

PORTAL G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2020/noticia/2020/11/07/joe-biden-vence-na-pensilvania-e-garante-votos-para-ser-eleito-presidente-dos-eua-aponta-projecao-da-ap.ghtml>. Acesso em: 10 ago.2022.

PORTAL G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PORTAL G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2022.

PORTAL G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 20 ago.2022.

PORTAL G1. Diagnosticado com coronavírus, Boris Johnson é internado em hospital para realizar exames. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/05/infectado-com-coronavirus-boris-johnson-e-internado-em-hospital.ghtml>. Acesso em: 12 jan.2024.

PORTAL G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/04/03/reprovacao-bolsonaro-covid-datafolha.ghtml>. Acesso em: 20 out.2023.

PORTAL OLHAR DIGITAL. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2020/08/25/coronavirus/fake-news-e-ingestao-de-alvejantes-estao-relacionadas-diz-agencia/>. Acesso em: 10 ago.2022.

PORTAL SoU CIÊNCIA/UNIFESP (2021). Disponível em: <https://souciencia.unifesp.br/destaques/sociedade-fala/apenas-9-da-populacao-confia-nas-falas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia>. Acesso em 20 out.2022.

PORTAL UOL. A íntegra do discurso está disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>. Acesso em: 10 ago.2022.

PORTAL VALOR. Disponível em <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2021/01/19/governo-trump-termina-com-mais-de-400-mil-mortos-na-pandemia.html>. Acesso em: 10 ago.2022.

PUIG, Salvador. Nicaragua: La consolidación de un régimen híbrido. *Revista de Ciência Política*, Santiago, Vol. 33, Nº 1, p. 269-286, 2013.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

SANTOS-D'AMORIM, Karen; FERNANDES DE OLIVEIRA MIRANDA, Májory. Informação incorreta, desinformação e má informação: Esclarecendo definições e exemplos em tempos de desinfodemia. *Encontros Bibli: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da informação*, 26, 01-23, 2021.

VOINA, Andreea e STOICA, Mihnea. Reframing Leadership: Jacinda Ardern's Response to the Covid-19 Pandemic. *Media and Communication*, Volume 11, Issue 1, pp. 139-149.

WOODWARD, Bob. *Medo: Trump na Casa Branca*. São Paulo: Todavia, 2018.

ZAKARIA, Fareed. Dez Lições para o Mundo Pós-Pandemia. In: *Lição Quatro – As pessoas deveriam os especialistas – e os especialistas deveriam ouvir as pessoas*, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021, p. 81-99.